

## A literatura e as reviravoltas do sentido

Silvia Tedesco\*

Os signos, sabemos, são conectores ora compondo sínteses, ora séries heterogêneas. Por vezes carregando sentidos familiares, outras, estranhezas. É o processo de criação desses elos semióticos que vai nos interessar.

A literatura nos impressiona pela força inventiva, nela intensificada por sua ousadia em produzir sentidos a partir de nexos entre signos, cuja impertinência os multiplica e os distancia da função meramente descritiva que lhes é atribuída. É por estas vias que a literatura “prolonga e faz emergir vértices de forças visíveis, que tomam forma a partir do que as suporta, uma pulsação invisível.”<sup>1</sup>

Por este viés, a narrativa literária está bem longe da pura prática do belo, do exercício do bom senso no uso das regras sintáticas ou ainda da substituição por signos de realidades vividas. É à sua afinidade com a dimensão movente da realidade que daremos atenção. Portanto, deixaremos para trás a função de representação, da reconhecimento que emprestaria regularidade e constância ao eventos, frequentemente procurada nas várias dimensões da linguagem. No lugar, pensaremos na sua potência de lidar com a diferença.

Percebemos duas tendências presentes na linguagem. De um lado, a inclinação das palavras à representação, ou seja, a função de re-apresentar no formato de signos os eventos empíricos para, através dessa atividade, ordenar a excessiva fluidez do mundo. Ao agir sobre esta última, a linguagem opera a repartição do empírico em classes e sub classes, com bom contorno e constância, num esforço para escamotear, através dessas binarizações forçadas, os processos ininterruptos de transformação que nos cercam<sup>2</sup>. De outro lado, seguindo na contramão desta tendência, os signos contrariam as expectativas

---

\* Professora titular do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil. Contato: [shtedesco@gmail.com](mailto:shtedesco@gmail.com)

<sup>1</sup> Schèrer, R., *Petit alphabet impertinent*, Paris: Hermann, 2014, pp. 91.

<sup>2</sup> Em trabalho anterior, a função de representação da linguagem assim como sua operação de deriva foram mais detalhadamente trabalhadas. Cf. Kastrup, Passos, Tedesco, *Políticas da Cognição*, Porto Alegre: Sulinas, 2008.

de organização ao apontarem a mobilidade dos fatos, exibindo em si próprios os episódios de variação inerentes à vida. A literatura adensa e leva ao limite essa segunda tendência para expor a índole inventiva que atravessa a linguagem e os signos em geral<sup>3</sup>

Tal inclinação é exercida na literatura através de sua competência sensível de afetar e ser afetada pelo movimento do mundo, pelas forças instituintes que o habitam e, conseqüentemente, pelos cortes abruptos que aí comparecem. Os traços de instabilidade carregados pelos signos ferem a continuidade regular dos fatos, pretensamente garantida pela forma ordenadora que a linguagem impõe a variação contínua da vida. Os signos literários revelam como descontínua e plena de cortes inesperados e, portanto, de irregularidades, uma realidade que nos é proposta pelos domínios do saber como regular e razoavelmente previsível.

Dizer os momentos de ruptura da pretensa regularidade do mundo, como exercício político e inaugurador de outras ordens, não se reduz à função, já muito atribuída à linguagem, de mera menção às variações que, por estarem exclusivamente presentes em outro plano, o plano dos fatos, seriam mantidas apartadas de modo abismal dos signos.

Queremos falar do desaparecimento da forjada pureza da linguagem em relação às ocorrências empíricas. Precisamos para isso, trabalhar a abolição da dicotomia que, durante muito tempo, orientou a concepção representativa da linguagem e que estabelecia um abismo entre o plano da expressão dos signos e o plano dos conteúdos ou plano empírico dos fatos. Se literatura e vida são, agora, indissociáveis, ambas engendram entre si marcas indeléveis, efeitos de produção recíproca. Dizer não é descrever a vida, não é cristalizá-la na distante neutralidade de signos classificatórios que subsumem realidades. Seguindo outra direção, os signos, ao dizer a vida, conseguem portá-la e intensificá-la em suas derivas. A literatura revela regiões nas quais impera a indiscernibilidade entre signo e vida, entre os planos de expressão e de conteúdo. São domínios que incitam à criação de sentidos cuja dupla inserção permite provocar efeitos recíprocos que movimentam ambos os planos.

A destreza em transgredir a regularidade dos dois planos depende de duas funções, distintas mas inseparáveis, exercidas pelo sentido. A primeira expõe a qualidade pragmática que confere à linguagem o poder padecer dos fatos da vida e, principalmente, de agir sobre eles. Remetemos à sua força de intervenção, potência de

---

<sup>3</sup> Deleuze, G. & Guattari, F., *Mil Platôs*, V.2, Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

transformar realidades que reciprocamente passam também à interferir nos processos de construção de sentidos<sup>4</sup>. Na segunda, intrinsecamente ligada à primeira, sublinhamos a qualidade disruptiva dos signos. Ela contempla a modalidade de força política intrínseca aos signos, de interrogar a ordem vigente, desmantelando certezas até então inquestionáveis para, no lugar, inaugurar outras realidades<sup>5</sup>.

O estoicismo foi um dos primeiros modos de pensamento a traçar sustentação conceitual para a relação de reciprocidade entre os planos. Foi um dos primeiros a incluir a linguagem entre os determinantes do movimento próprio à vida.

Seguindo na trilha aberta pelo estoicismo, entenderemos como os signos expressam deslocamentos e não apenas os momentos de parada. A proposta desse pensamento é esclarecer que a linguagem inaugura variações onde apenas se viam identidades. Tal perspectiva se inicia por introduzir a ideia de ser como movimento e, nesta direção, afirma a existência de instantes de instabilidade que interrogam a pretensa identidade de nossa realidade. Ao lado dos momentos de estabilidade do ser, coexistem as quebras dos ritmos regulares, encaminhando ineditismos.

Na perspectiva do estoicismo interessa

...considerar no próprio ser sua história e sua evolução desde sua aparição até sua disparição. O ser não será considerado em si mesmo como parte de uma unidade mais alta, mas como a unidade e o centro de todas as partes que constituem sua substância, e de todos os acontecimentos que constituem sua vida. Ele será o desdobramento no tempo e no espaço de sua vida, com suas mudanças contínuas.<sup>6</sup>

No ser, duas dimensões indissociáveis passam a ser consideradas: uma correspondente ao que há de ser ou de corporal em tudo e outra definida pelas transformações súbitas que atingem os seres, ou seja, caracterizada pelos diferentes modos de o ser se apresentar.

Na dimensão corporal existiram as ações e paixões exercidas pelos corpos (incluindo aí toda a extensão do conteúdo, constituída pela mistura de corpos. Tem-se neste plano relações mútuas entre os corpos, assim como a concretude das palavras que as apontam. Nesta dimensão, tudo age ou padece de uma ação num contínuo ininterrupto de estados de coisas. Por exemplo, a mistura da água com o vinho ocupa o plano dos corporais, assim como água avermelhada e ainda os nomes e adjetivos que

---

<sup>4</sup> Austin, J. L. *Quando dizer é fazer*. Lisboa: Artes Médicas, 1990.

<sup>5</sup> Deleuze G. & Guattari F., 1995, op. cit.

<sup>6</sup> Bréhier, E., *La Théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*. Paris: Vrin.1997, p. 4.

designam estas últimas. Enfim, o plano dos corporais resume os existentes. A outra dimensão, a dos incorporais, compõe-se das efetivações instantâneas das misturas dos corpos, isto é, dos efeitos destas. Das ações e paixões dos corpos (plano dos corporais) surgem efeitos que já não pertencem ao plano dos corporais. O efeito instantâneo do avermelhar produzido pela mistura da água com o vinho é incorporeal. A relação entre os corpos, a ação, é corporal, mas seu efeito é sempre um incorporeal.

As variações introduzidas pelos incorporais estão desvinculadas de qualquer modelo ideal ou princípio regulador e, por isso, introduzem o inesperado, tornando descontínua a realidade do ser. Não existe ideia geral ou conceito unificador capaz de subsumir os devires incorporais. As rupturas da regularidade dos seres, os acontecimentos produzidos como efeito dos encontros circunstanciais dos corpos, longe de desprezadas, consistem no mais íntimo e primordial dos seres, sua potência de deriva ou maneiras de ser. É uma dimensão empenhada em burlar as teses da identidade para incluir no ser modos de diferenciação. Estamos frente a uma dimensão paradoxal indicada pelas quebras de linhas de continuidade que dissolvem as identidades fixas tão necessárias ao saber, aos processos de representação (Deleuze, 1969). Com os Estoicos, o irregular e o inesperado compõem a natureza do ser, uma de suas dimensões.

As transformações emergem como cortes instantâneos no contínuo regular das coisas e estados de coisas, porém não lhes alteram as propriedades, nada lhes é acrescentado. Antes atualizam outros modos do ser até então não ostentados. Ativam no ser dimensões reais, mas ainda não atualizadas. E, neste ato inaugurador de novas realidades, apresentam o ser como maior que ele mesmo, sempre pronto a apresentar um novo aspecto, um novo detalhe, de modo que sua natureza transborda-o constantemente e expande-o para além dos seus limites. Melhor dizer que, para o estoicismo, a natureza do ser confunde-se com o processo de sua construção, realizado pela deriva que também o define.

Os efeitos, sempre incorporais, são os atributos dos corpos, aquilo que revela suas maneiras de ser, seus momentos de variação, porém, estranhamente, não pertencem ao plano dos corporais. Uma vez que os efeitos do contato entre dois corpos diferem completamente dos corporais, somos impedidos de falar em causalidade. Divergem em natureza, pois os incorporais não são classificáveis entre as muitas propriedades que caracterizam o corpo, mas constituem atos súbitos de desvio em relação a elas. Nada de esperado ou categorizável aparece nesses efeitos. Salta-se de um plano a outro, de ação

a ato, de existente a insistente. Através da relação de quase-causalidade o ser revela de si o que, até então, não era ostentado. Em sua consistência de quase-ser, os incorporais introduzem instantes de ruptura na continuidade das misturas corporais. Comportam não um estado que seria facilmente representável mas o tempo-passagem, momento inaugural, ou melhor, a diferença, corte criador de novas fronteiras, de novas compartimentações no contínuo indistinto dos corporais.

Caberia dizer que os atributos incorporais não são coisa física, nem existente no pensamento. Os incorporais não existem na natureza.

É indicado

desfazer-se da ideia de que o atributo de uma coisa é qualquer coisa existente fisicamente (o que existe é a coisa mesma) e da outra ideia de que este atributo (sob seu aspecto lógico), como membro de uma proposição, seja qualquer coisa existente no pensamento.<sup>7</sup>

Eles compreendem um terceiro termo que não é linguagem nem coisa, embora pertinente a ambos. No enunciado de Bréhier<sup>8</sup> sobre os Estoicos, “o escalpo corta a carne” observamos que se o verbo cortar é, para a gramática, termo de ligação entre sujeito e predicado, para perspectiva pragmática proposta aqui, esse elo presente no verbo, antes de servir à instalação da unidade de sentido, expressa o incorporal e a transformação por ele convocada. O verbo introduz o ponto exato em que emerge uma nova qualidade, um atributo até então não atualizado, para provocar a ruptura na regularidade vigente. A quebra age como um limiar, um entre dois, instaurado entre o estado anterior que já não existe e o novo estado que ainda não despontou. A transformação incorporal é, a um só tempo, o momento indefinível da passagem, do corte inapreensível entre dois estados do ser. Como tempo-passagem entre duas delimitações não comporta permanência nem antecipação. Ela é real embora não existente.

Em resumo, não há como apreender o real dos seres senão em sua dupla dimensão. Numa delas apresentam-se as qualidades corporais, correspondentes às paradas, às lentificações, enfim, a um certo grau de repetição do mesmo presente aos seres. A outra dimensão se liga à ruptura dos estados, responde pela variação do ser que o libera da identidade. O incorporal revela a historicidade também inerente aos seres a

---

<sup>7</sup> Ibidem p.19.

<sup>8</sup> Bréhier, E., op. cit. p 6

que se refere Bréhier e indica as condições do devir afirmado por Deleuze<sup>9</sup>. “A transformação do corpo do pão e do vinho em corpo e sangue de cristo é a pura expressão de um enunciado, atribuído aos corpos”<sup>10</sup>. O incorporal seria a transformação do vinho em sangue de cristo operado no enunciado explicitado durante o rito cristão. Estamos face ao devir sangue do vinho, uma maneira de ser do vinho, catalisada pelo dizer instituído.

Porém, vale sublinhar que incorporal não se confunde com a linguagem, embora sustente íntima relação com esta. Este funciona como seu pressuposto implícito para garantir aos signos ao mesmo tempo sua instantaneidade e performatividade, comentada anteriormente. Suportada pelo incorporal, que carrega como expressão, a linguagem ganha estatuto de ato, ato de fala para introduzir quebras na continuidade no mundo, deixando emergir novos modos de ser. Ou seja, o que é expresso no dizer, diferente do que as regras tradicionais da sintaxe nos dizem, não será mero atributo do sujeito da proposição, mas sim atributo dos corpos existentes.

Vemos que os incorporais se dão na superfície dos corpos, e, no entanto, não podem ser vistos, ouvidos ou tocados pelo pensamento ordenador da representação. Sua instantaneidade resiste a toda categorização. Pode-se apreender o momento em que a mudança virá a ocorrer ou que já ocorreu, sendo impossível captar o seu presente, seu instante de realização pura. Haveria para os Estoicos um modo especial de marcar, trazer à cena as transformações súbitas: expressá-las nos signos. Daí a relação especial com a linguagem. Chegamos, portanto, à definição de signo como o que existe para exprimir o incorporal, como marcador e catalizador do devir.

Dado seu estatuto de quase-ser, sem existência própria, os incorporais apenas insistem ou subsistem nos signos dos quais se distinguem efetivamente. Mas são coextensivos à linguagem e só se realizam enquanto expressos. Diferem da linguagem, por serem sua condição, seu pressuposto implícito. Em suma, o expresso pela linguagem, por toda enunciação, são os incorporais, os acontecimentos que desdobram novas maneiras de ser dos corpos e expõem a variabilidade fundamental destes. É a diferença em estado puro ou o ato de devir, diferença que ao ser expressa nos signos, por qualquer tipo de signo, se realiza nos corpos. À palavra é permitido introduzir acontecimentos no mundo empírico, conferir realidade a esses quase-seres. Se há um

---

<sup>9</sup> Deleuze, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

<sup>10</sup> Deleuze G. & Guattari F., op. cit., p. 19

pressuposto em toda enunciação, este é a diferença, a transformação incorporal dos corpos.

O nexu afirmado pelo estoicismo entre a palavra e o incorporal inspirou a leitura de Deleuze e Guattari sobre a teoria da pragmática inglesa dos “speech acts”<sup>11</sup>. O esforço foi dedicado a ressaltar nesse estudo a potência de transformação imanente às palavras que as libera da função descritiva, representacional, para convertê-las em puro ato, ato de fala.

Tomar essa iniciativa comporta, para nós, um ganho considerável, uma vez que ao atrelar o signo à expressão dos incorporais afirma-se o ato de fala como portador de mudanças e, nessa direção, o ato pragmático é considerado como expressão do incorporal, isto é, do instante da ruptura dos estados de coisa. O ato de fala “...designa esta relação instantânea dos enunciados com as transformações incorporais ou atributos não corporais que eles exprimem”<sup>12</sup>. Conclui-se que o tempo-ruptura apresenta relação imanente com o ato de fala, designando o acontecimento como expressão das enunciações, sua condição primeira. Se falamos é principalmente para marcar esses instantes de mudança, atestar transformações.

Essa é a razão pela qual, segundo Deleuze, a expressão diz da dimensão incorporal do ser que, sinônimo de ato de fala, consiste no sentido imerso na proposição. O sentido-incorporal seria a quarta dimensão da proposição, dimensão primordial, básica ao estabelecimento das outras três dimensões da linguagem: significação, designação ou manifestação<sup>13</sup>. Cabe à agudeza dos signos expressar a aparição do novo. Aí consiste o maior dote deixado pelos Estoicos para todo pensamento acerca da linguagem. Ela é forma de expressão, não por exprimir os corporais, não por representar ordenadamente a realidade, mas por portar os incorporais, os acontecimentos advindos à superfície dos corpos.

É através da relação expressiva com o incorporal que emerge a força pragmática das palavras. No instante em que diz-se o acontecimento, palavras e coisas entram em

---

<sup>11</sup> No capítulo dois do livro *Mil Platôs*, os autores, ao articularem a filosofia dos Estoicos com a teoria pragmática de Austin produzem a mistura entre as ideias de incorporal e de ato de fala, cujo efeito é ativar na linguagem a potência de dizer o acontecimento (Deleuze G. & Guattari F., op. cit. pp. 11-59).

<sup>12</sup> Deleuze & Guattari, op. cit. 1995, p. 19

<sup>13</sup> Deleuze, G. *Lógica do sentido*, São Paulo: Perspectiva, 1974

relação, pois se os incorporais se dão às palavras, eles também se dão às coisas. “O acontecimento subsiste na linguagem mas acontece às coisas”<sup>14</sup>.

O sentido se atribui, mas não é absolutamente atributo da proposição, é atributo da coisa ou do estado de coisas. O atributo da proposição é o predicado, por exemplo, um predicado qualitativo como verde. Ele se atribui ao sujeito da proposição. Mas o atributo da coisa é o verbo verdejar, por exemplo, ou antes, o acontecimento expresso por este verbo<sup>15</sup>.

É interessante notar que ao expressar o incorporal não falamos *dos* corpos ou *aos* corpos, mas falamos *os* corpos diretamente. As palavras têm a capacidade de tocá-los.

O paralelismo entre planos, expressão e conteúdo, que os restringiria a duas séries independentes, obstaculizando a existência de elos de produção entre palavras e coisas, é eliminado ao se conceber a predicação como atributos incorporais que se dizem e só se dizem dos corpos. Como consequência temos que o sentido, produzido pelos signos, é o exprimível ou o expresso da proposição e, ao mesmo tempo, o atributo de coisas. “Ele volta uma face para as coisas, uma face para as proposições. [...] É, exatamente, a fronteira entre as proposições e as coisas”<sup>16</sup>. O “cortar”, o “avermelhar” são acontecimentos, ao mesmo tempo expressos na linguagem e atributos de corpos.

O que liga palavras e coisas é a inseparável relação entre sentido e atributo. Sentido é a expressiva dimensão das palavras porém o que é expresso é sempre um atributo da coisa.<sup>17</sup>

Sem pertencer a nenhum desses dois, a dimensão incorporal dos seres – sua variação ou maneira de ser – guarda em si a chave-elo entre dois planos heterogêneos de signos e de coisas. A dualidade, portanto, já não implica dualismo ou dicotomia. E se, para O. Ducrot, “a palavra tem que conter, como seu elemento constitutivo, uma alusão a uma exterioridade [...], uma orientação necessária para aquilo que não é o dizer”<sup>18</sup>, acrescentamos que esta exterioridade própria à linguagem não remete ao mundo externo a ser representado. A exterioridade íntima ao signo consiste no incorporal, chave

---

<sup>14</sup> Ibidem, p. 26

<sup>15</sup> Ibidem, p. 22

<sup>16</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>17</sup> Bogue, R. *Deleuze e Guattari*. New York: Routledge, 1989, p. 137.

<sup>18</sup> Ducrot, O. “Pressuposição e alusão” In: *Enciclopédia Einaudi*, v.2, *Linguagem-enunciação*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1984b, p.419.



conectiva entre signo e devir, palavra e criação. A relevância dos signos reside na aptidão de exibir a diferença ou variação do ser.

Podemos, agora, entender a literatura como o exercício privilegiado de alardear o devir e assim introduzir descompassos na pretensa regularidade dos sentidos e mundos. Uma vez que nela os signos dirigem-se bem mais às anomalias da significação e às multiplicidades sensíveis. Por exemplo, é o que encontramos em hugo mãe na sua convocação a estranhos modos de experimentar o sentir: “...sentir o que não existe é uma qualquer saudade de nós próprios. muita coisa é apenas uma saudade. muitos sentimentos”<sup>19</sup>. O verbo *ser*, tradicionalmente dito verbo de ligação, gera no leitor a expectativa da continuidade inteligível da predicação, ou seja, espera-se que na sequência surja a conexão entre o sentir e certas qualidades já estabelecidas, de modo a colmatar a compreensão da frase no esclarecimento sobre o sentir. No entanto, no lugar do complemento do verbo, da oferta de inteligibilidade reconhecível, “uma qualquer saudade de nós mesmos” comparece para expandir o sentido ao indeterminado. A queda da significação precisa impõe a estranheza de um sentir que atravessa qualquer saudade. O sentir perde contorno, equivoca sua natureza em nome da pluralidade de vias possíveis. O ato literário agiu na desconstrução da significação familiar e levou o sentido esperado a resvalar por múltiplas vias semióticas ainda não percorridas. Tal efeito disruptivo é ainda intensificado pelo desvio da função ordinária do ponto final. A sentença, não concluída pelo ponto, empurra o exercício de invenção de sentidos para mais além, criando séries infinitas e, conseqüentemente, modos desconhecidos de sentir e agir.

Na enunciação de Virgínia Wolf “O cachorro magro corre na rua, este cachorro é a rua” novamente o verbo ser chama atenção por sua significação lassa, remetente a relações inventivas, a contínuos de variação. Os conectivos literários que ligam cachorro e rua não funcionam produzindo identidade, formam sim dois blocos, cada qual como um conjunto disperso resistente à homogeneização. Percebemos aí a inusitada modalidade de ligação ou agenciamento que rejeita a unificação e interroga a similitude suposta do verbo *ser*. Ao expulsar a unidade, a coerência procurada, o processo semântico percorre zonas de indiscernibilidade e, a partir de então, cada um dos termos segue trajetórias paralelas que os farão inventar linhas diversas de sentido para si. Entre os dois não há pertencimento, causalidade. Há apenas distância

---

<sup>19</sup> Mãe, (valter hugo mãe). *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo, Cosac Naify, 2013, p 116.

intransponível, transformações concomitantes, mas essencialmente independentes. Rua e cão estão em contato, mas não há síntese. É introduzida uma aliança que os afetam reciprocamente para os fazerem derivar por veredas distintas de sentido. O movimento de cada uma das séries é efeito do agenciamento que não os aproxima e sim os projeta para longe um do outro, assim como para longe de si mesmos.

A união esperada seja entre escalpo e carne, seja entre cachorro e rua substitui-se pela polissemia, assim como o “sentir o que não existe” de valter hugo mãe, expulsa a síntese entre sentir e saudade, para dela extrair o múltiplo. Da mesma forma, trazemos agora um trecho de “Frutas da Infância e Post” de Murilo Mendes<sup>20</sup>, empenhado em inventar novos modos de sentir, de conhecer a realidade:

Morder a realidade, a matéria mordível e mordente, a universal tangerina, a fruta-esfera da terra. saborear o sumo de todas as coisas somadas. O sumo do universo, o saber do sabor, o sabor do saber.

Mais do que buscar conformidade entre realidade e fruta, é proposto entre as duas uma curiosa e longínqua relação que as afetará a ambas, transformará a ambas, cada uma na sua rota. O elo serve exclusivamente para propor efeitos recíprocos e díspares que, na quebra da continuidade, consegue conduzir à pluralidade de atributos, seja para a fruta, seja para a realidade, que agora é mordida, acessada e saboreada. Inéditas experiências da suculência do saber ganham existência para inexoravelmente invadirem nossas relações com o mundo.

E ainda, vale citar dois pequenos trechos de Guimarães Rosa marcados pelo cultivo cuidadoso de nossas sensibilidades.

Semostrada, às molas, às sequências, a mulher, pojava-se numa cerrada fatura de si, faltava-lhe por certo algum temor, indomável, ria a risada mais cantada. Pinho Pimentel rápido desfitara-a, queria-a antiga no seu conhecer, no mero possivelmente.<sup>21</sup>

Vemos o léxico ser corrompido e quebrar a homogeneidade esperada entre as palavras. ‘Às molas’, ‘às sequências’, ‘o riso às risadas mais cantadas’ portam de modo inabitual o ritmo e a ondulação do andar sedutor da personagem, deixando-nos acompanhar de perto as tensões provocadas ao seu redor. O ato literário confere

---

<sup>20</sup> Mendes, M., *Transístor*, Rio de Janeiro: Fronteira, 1980, p.101.

<sup>21</sup> Rosa, J.G., *Estas Histórias*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 275.

movimento às palavras que não mais descrevem, mas nos fazem experimentar, ouvir, as sinuosidades do deslocamento do corpo da mulher.

E ainda:

Ela cheirava os volumes da afronta, mastigava-a. Vi-a vibrar os olhos, teve um rir hienino. Daí, começou a bramar suas maldições e invectivas. Era uma criatura abaçanada, rugosa, megeresca, um índia de olhos fundos.<sup>22</sup>

Uma figura de mulher é construída sem apelo a familiaridades, ao contrário, o texto busca para ela qualidades que não cabem no léxico. O descompasso entre sentidos quer mais do que termos como abaçanada e megera. Então, talham-se palavras que nos ativam outras sensibilidades, inundam-nos com maldições e invectivas. Surgem, então, *megeresca e abaçanada* para estender ao infinito a crueza da criatura, criando em nós, novas experiências sensíveis relativas à rugosidade exalada pela mulher. Guimarães Rosa opera com os signos para nos extrair do trivial e, através de suas composições inéditas, somos conduzidos a vivências ainda desconhecidas, provocadas pelo humor desmedido da índia de olhos fundos.

Em cada uma das passagens literárias, a proposta pode ser retomada para indicar a experiência da vertigem provocada pela queda da significação, desvelando o incorporal como ato de corte que nos extrai do fluxo de nossa confortável tendência à reconhecimento, à pura repetição do mesmo. Uma vez expostos à descontinuidade do sentido e à desconstrução da realidade que daí decorre, somos obrigados, leitores, a um salto para outra dimensão. Salto no mesmo lugar, mas para outra dimensão <sup>23</sup>.

Ao dizer o acontecimento, a literatura enaltece o acidente e não a regra, efetiva ocorrências únicas, porque irrepetíveis, no lugar de corroborar com a ordem esperada. Sublinhamos aí a força política da literatura, exercida pelo seu poder de expressar o acontecimento e não necessidades, variações irreduzíveis e não identidades, num exercício intensivo e perigoso de interrogar a legitimidade das leis e normas, garantidoras da homogeneidade e harmonia de um mundo mais estável e, conseqüentemente, com menos riscos. A literatura nos interessa como instrumento de interpelação das constâncias que encobrem as mudanças, a emergência do novo. Com ela podemos escapar mais efetivamente do controle, do exercício de forças que toma a

---

<sup>22</sup> Ibidem, p. 230

<sup>23</sup> Pelbart, P. P. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ordem existente como única direção possível<sup>24</sup>. Quanto mais fortemente a linguagem expressa os incorporais, mais linhas de divergência ela gera e mais exercita a criação. Esta parece apontar a efetiva relevância da literatura sobre outras modalidades de linguagem: a sua maior afinidade com os incorporais, provocando, através da abundância de sentidos, experiências insólitas, inventoras de infinitas vias de bifurcação para a vida.

Recebido em: 31/10/2015 – *Received in: 10/31/2015*

Aprovado em: 19/12/2015 – *Approved in: 12/19/2015*

---

<sup>24</sup> Schérer, R., *L'écriture, la vie*, EM: *Regards sur Deleuze*, Paris: Kimé, 1998, p 10-21.